

APOSTILA AULA 01

TEOLOGIA

E DOCTRINA DE UMBANDA

TRADIÇÃO DO CHÃO DE JORGE

AULA 01 - O QUE É A UMBANDA?

O material aqui exposto é o resultado de anos de estudo e vivência no campo da espiritualidade e da investigação do mundo oculto, principalmente no contexto Umbandista.

É vedada toda cópia ou reprodução seja ela parcial ou total, sem a anuência expressa por escrito do seu autor: Douglas Rainho.

O material aqui contido é parte integrante do curso "Teologia e Doutrina de Umbanda - Tradição do Chão de Jorge" e não deve ser disponibilizado individualmente.

A comercialização deste material, feita por qualquer outro indivíduo ou fora da plataforma original é passível de punições previstas na legislação vigente.

UMBANDA: ORIGENS E VISÃO HISTÓRICA

Deparei-me com uma postagem no Facebook que me chamou a atenção não pelo seu contexto e talvez até pela sua exatidão no pleito desejado, mas sim pela falta de informação na exposição do mesmo e na tendência a repetir conjuntos de "ideias" e "discursos" rasos e sem fundamentação histórica e sequer cultural.

A História da Umbanda é repleta de lacunas e nunca iremos conseguir completá-las a contento, contudo com um pouco de estudo histórico, etimológico e até mesmo cultural, conseguimos compreender o formato da constituição do povo brasileiro e claro podemos passar isso para a constituição da cultura e por consequência das religiões aqui nascidas.

O Umbandista procura muito sobre como acender velas, como agradar Orixás e atualmente em como estar atualizado nas agendas sociais e políticas. Só que peca quando tange a entender a sua própria religião que é um reflexo da sociedade formadora ou pré-sociedade brasileira, por assim dizer.

O texto que eu encontrei foi o seguinte:

"Porque é tão fácil entender que Ogum não é São Jorge, que Iemanjá não é Nossa Senhora, mas ao mesmo tempo é tão difícil aceitar que Jesus e Oxalá não são a mesma coisa?"

E que, portanto, a teologia UMBANDISTA não deve ser derivada do cristianismo, mas sim do sistema yorubá de pensar?

O resultado dessa recusa a encarar com seriedade os fatos é a perpetuação de conceitos estranhos às religiões de matriz africana e a total deformação das suas estruturas teológica e filosófica:

Céu, inferno, pecado, virtude, dogma, salvação, condenação, pureza, impureza...

Nada disso nos pertence.

Todo respeito a Cristo e seus fiéis, mas é mais que hora de aceitarmos quem somos.

Caso contrário, assinamos embaixo do projeto de apagamento da cultura afro-brasileira e indígena e colocaremos no lugar mais um cristianismo místico genérico da américa latina."

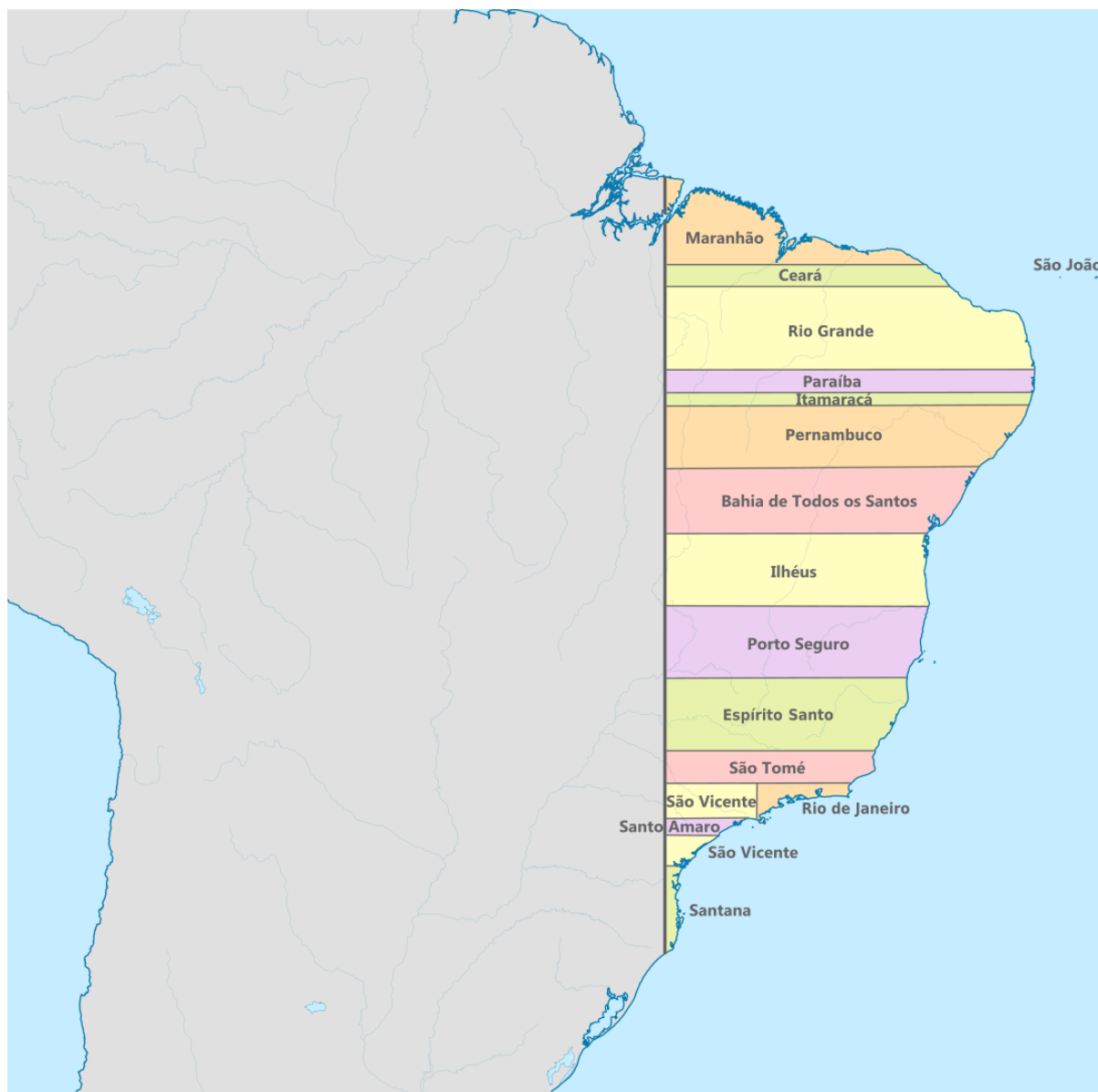
Aqui me chama a atenção alguns pontos colocados que é de grande preocupação, elenco-os:

1. Falta de conhecimento do que é Sincretismo e de seu uso pregresso até mesmo antes da colonização.
2. Umbanda não é derivada do Cristianismo, mas tem que ser pensada no "sistema" yorubá.
3. Recusa em aceitar com seriedade os fatos e criar conceitos estranhos às religiões de "matriz africana".
4. Apagamento da cultura afro-brasileira e indígena.
5. Cristianismo místico genérico da América Latina.

Esses pontos me chamaram a atenção e acredito que é preciso um pouco de contextualização para entender o equívoco do autor.

O primeiro ponto é o entendimento de como foi formado o Brasil. A gente chama muito de Brasil Colônia, porém não há relatos dessa nomenclatura ser utilizada no Brasil e tampouco na Europa. O termo mais correto é o Estado do Brasil que não compreendia toda a extensão do território brasileiro.

Em 1534 começaram a ser fundadas as capitanias hereditárias. Faixas de terras localizadas na costa leste brasileira, sem adentrar a sua zona meridional, como uma forma de marcar a presença portuguesa na América sulista sem ocorrer a intervenção de potências navegantes como as espanholas, inglesas e holandesas.



Capitanias Hereditárias – 1534

Como podemos perceber na imagem acima (clique para aumentar) a terra que seria o Brasil era dividida em faixas: Maranhão, Ceará, Rio Grande, Paraíba, Itamaracá, Pernambuco, Bahia de Todos os Santos, Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, São Tomé, São Vicente, Rio de Janeiro, Santo Amaro, e Santana.

Essa divisão perdurou durante um tempo até que em 1621 houve a mudança da sua divisão: Estado do Maranhão e Estado do Brasil. Sim, grande parte do que hoje consideramos Brasil, não era chamado de Brasil.



Dois Estados – 1621

Já em 1709 temos uma expansão que demarca o rompimento do famoso Tratado de Tordesilhas, que definia que a parte oeste do continente sul-americano seria de

propriedade da Espanha, gerando estados um pouco mais definidos do que conhecemos hoje.



Mapa do Brasil em 1709

Lembrando que a família Real Portuguesa só chegou ao Brasil em 1808 e que a independência do Brasil do Reino de Portugal se deu em 1822.

No mapa acima vemos divisões completamente estranhas para nós, pois algumas das regiões ainda mantêm seus nomes até os dias atuais. Podemos perceber principalmente a região Norte do Brasil chamada de Grão-Pará, a Região Sudeste e Centro-Oeste chamada de São Paulo, a inexistência do Estado do Espírito Santo, sendo esta parte da Bahia, também percebemos uma geografia bem diferente na região do nordeste brasileira onde a Bahia está "diminuída" e a região de Pernambuco está expandida.

Pois bem, isso pode ser um indício de muitos dos "baianos" da Umbanda possuírem sotaques que não são característicos do estado da Bahia (desfazendo um dos muitos mitos) além do seu traje típico do sertanejo Pernambucano e das palavras como Oxente, Cabra e Peste, comum na fala do Espírito dos Baianos de Umbanda. Sendo que o sotaque do Baiano natural do estado da Bahia é mais cadenciado, mais lento em alguns aspectos.

Até 1815 Pernambuco manteve a maior parte da sua extensão territorial sendo que algumas partes se tornaram os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Sergipe.

No nordeste a capitania de Pernambuco era vista como uma das mais lucrativas para o povo europeu devido a exploração da cana-de-açúcar. A mão de obra escrava primordial em terras brasileiras foi a indígena, contudo sabemos que os europeus (ingleses, holandeses, franceses e portugueses que aqui estavam) não conseguiram ter sucesso com os nativos em sua ganância exploratória.

A solução (indigna) foi sequestrar e traficar povos oriundos da África para servir de mão de obra escrava nas plantações de cana-de-açúcar.

A escravidão já era realidade desde 1530 no Brasil, contudo a exploração do africano começou por volta de 1539 e 1542, principalmente na região de Pernambuco.

Portugal já tinha contato com os povos africanos, principalmente os de origem Banto (ou Bantu) desde 1483 por meio do explorador português Diogo Cão. Inclusive o mesmo levou alguns congoleses para Portugal, retornando ao Congo por volta de 1485 trazendo os mesmos convertidos para o cristianismo. Inclusive o Manicongo (ou Rei do Reino de Congo) Nzinga a Nkuwu foi batizado e convertido em 1491 se tornando João I do Congo.

O povo Banto é compreendido como um conjunto de diversas etnias que tem uma similaridade cultural e linguística, sendo as línguas mais comuns o Kingongo (Kincongô), o Umbundu e o Kimbundo. Compreendiam as regiões da África Subsaariana, onde estão localizados atualmente Angola, Congo, Gabão, Camarões, Moçambique, Zimbabwe, Parte do Sudão, África do Sul e etc.

Este foi o primeiro povo explorado (principalmente o de origem congolesa e angolana) que foram trazidos como mão de obra escrava para o Brasil, sendo também a sua maioria.

Os africanos de Origem Banto foram trazidos principalmente de Angola, Moçambique, Benguela e Congo e levados a locais como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Maranhão.

Durante os séculos XVIII e XIX, Angola foi a principal fonte exportadora de mão de obra escrava para os portugueses, ou seja, foram trazidos para o Brasil. Estima-se que 75% dos africanos que foram escravizados e trazidos para o Brasil eram de origem Banto.

Desta forma fica implícita a sua maioria e com isso a sua capacidade de trazer também a sua cultura para cá. Cultura essa que se manifesta pelo "sincretismo" ou "Proto-sincretismo" onde as religiões destes povos acabaram por assimilar os Deuses e Divindades, assim como a cultura de outros povos para reforçar a sua própria crença. Então é totalmente aceitável que um Banto pudesse cultuar sua divindade local, seu Inquice e também uma divindade estrangeira (como eles viam Jesus, os santos e afins).

Essa cultura já existia na África e foi trazida conjuntamente com os africanos bantos para o Brasil e não era forçada, mas sim uma questão cultural de agregação de forças ou Mojo (Moyo) como alguns falam. Essa palavra em Yorubá pode ser associada com Axé, força vital.

Aqui vemos que o Povo Banto não cultua Orixás, mas outras formas de divindades não individualizadas e também os Inquices que representavam forças naturais, além disto compreendemos também que eles associavam aos ancestrais um caráter divino.

[Para mais informações consulte: A Religião dos Bantos: Novas Leituras sobre o Calundu no Brasil Colonial por Robert Daibert.](#)

Aqui refutamos o ponto 1 e ponto 2 da nossa listagem no começo dessa postagem, ou seja, já havia sincretismo na África e também a maioria do povo formador cultural de origem africana no Brasil tinha cultura Banto e desta forma não cultua Orixás, ou seja: NÃO ERAM NAGÔS (YORUBÁS).

A QUESTÃO DA MATRIZ AFRICANA.

Um outro desentendimento que há é sobre a MATRIZ AFRICANA das religiões como Candomblé e por consequência da Umbanda. O Candomblé (ou Candomblés, pois existem vários) são nitidamente de origem Africana ou seja de Matriz Africana. Em outras palavras, são religiões brasileiras que beberam da fonte africana original para se fundamentarem (contudo de uma forma diversa da crença primária em terras africanas).

Contudo a Umbanda não é de Matriz Africana pois também bebe de fontes indígenas e europeias (por mais que queiram descaracterizar isto). Há claro o entendimento de um certo embranquecimento da Umbanda e das Macumbas por meio de discursos eugênicos, mas temos que encarar os fatos reais, a cultura européia é presente em nossa cultura brasileira também.

[Para saber mais leia: A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira de Renato Ortiz.](#)

Ao se negar o impacto do índio (afinal a Umbanda é nitidamente um culto de Caboclos e Pretos-Velhos) nós estamos refutando a origem mista da própria Umbanda, tirando todo seu encantamento das práticas nativistas.

Então entramos em contrassenso com o ponto 3 e 4 de nossa listagem pois exacerbar de forma equivocada a Umbanda como Matriz Africana buscando um purismo Yorubá é apagar a identidade Banto e Indígena da religião. Denota uma total falta de compreensão da própria origem da religião e do povo formador.

Essa é uma característica (infelizmente) do povo brasileiro que não consegue ler mais de um livro de história aceitando tudo de bom grado conforme figuras proeminentes se manifestam. Aceitam como gado que vai para o abate sem contestar e

tampouco tem forças ou argumentos para contestar pois nunca abriram um livro que não um romance espiritual.

CRISTIANISMO MÍSTICO GENÉRICO DA AMÉRICA LATINA

Essa é outra afirmação que me incomodou pois ao denotar que o cristão é apenas o católico como muitos tentam compreender, acaba nos levando a incorrer no maior erro que é ver a religião como uma inimiga histórica sem analisar seus feitos.

Erros, equívocos e atrocidades ocorreram em todas as religiões e em todas as culturas e sociedades, inclusive nas africanas e indígenas.

[Para saber mais leia: Escravidão – Vol. 1: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares.](#)

Porém o cristianismo empregado dentro das práticas de Umbanda é realmente místico, pois é essa a característica da Umbanda, uma religião mística que faz uso da magia para sua expressão religiosa.

O cristianismo aqui empregado é o cristianismo popular que deu origem às benzedadeiras e raizeiros, deu origem a magia popular e as simpatias e principalmente deu origem a estrutura cristã brasileira descentralizada da Igreja. Veja isso com o clássico termo “católico não-praticante”, ou seja um católico que não respeita os dogmas e regras da Igreja Centralizadora.

Desta forma ele não é de fato um católico, só se identifica assim por falta de um outro termo mais adequado.

Esse mesmo católico dança no Carnaval, comemora a páscoa, ainda tem festa de Halloween e poderia fazer simpatias para afastar o mau olhado e desvirar o bucho da criança.

Entendem como é uma contextualização errada? O uso das imagens católicas pode ser até contestado nos Congás, contudo o uso das imagens dos Orixás também, afinal vimos acima que grande parte da influência da Umbanda é Banto e desta forma

deveríamos representar os Inquices (que não tem estatuetas e personalizações). Como fazer não é mesmo?

A REFUTAÇÃO DE TUDO

Agora se você ainda acredita que a Umbanda é Africana com influência Yorubá e que está sendo apagada, vamos pegar termos comuns falados dentro do terreiro e analisar etimologicamente para descobrir suas origens.

Temos como: Aruanda, Atalaia, Arranca-toco, Banda, Calunga, Cambona, Cambone, Camutue, Candomblé, Canjerê, Canjica, Canzua, Capangueiro, Catular, Congá, Curiá / curiador, Dendê, Engira, Farofa, Fundanga ou funganga, Ganga, Macaia, Macumba, Maleme, Mandinga, Marafo, Miçanga, Milonga, Mirongas, Molambo, Mucuiú, Pemba, Quimbanda, Quiumba, Quizila, Quizumba, Sacaanga, Saravá, Tatá, Vumbi, Zimba, etc.

São todos de origem Banto, curioso né? Como um terreiro com cultura Yorubá vai usar termos de linguística Banto em grande profusão (inclusive grandes partes da língua portuguesa, principalmente a brasileira, acaba tendo diversas influências do Kinongo, Umbundo e principalmente do Kimbundo).

[Para saber mais leia: Novo Dicionário Banto do Brasil: Nei Lopes, Editora Pallas.](#)

Vamos a alguns exemplos:

- **Aruanda:** De Luanda, Reminiscência da memória coletiva do negro brasileiro que teria conservado de São Paulo de Luanda, Capital de Angola, porto africano do tráfico de escravos. Passou com o tempo a deixar de designar o porto de Angola, para se transformar em um lugar utópico, como uma pátria distante, um paraíso a liberdade perdida, terra da promessa (ENCICLOPÉDIA, 1970 a, verbete "Aruanda").
- **Atalaia:** Encontrada no clássico ponto de Pombagira (Pambu Njila, outro nome Banto): "Lá na Atalaia de Pomba Gira, de Pombagirê para que eu não caia".

Significa sentinela, vigia. Vem do Quimbundo *tala, de vigiar e o quincongo *laia de igual significado.

- **Arranca-Toco:** Popular nome de Caboclo e Exu de Umbanda, mas seu significado é um pouco diferente no dicionário Banto. Motim, Tumulto.
- **Banda:** Lugar de origem de uma entidade de Umbanda; linhagem: "Saravá sua Banda". Do Quimbundo mbanda, zona, correspondente ao quincongo mbanda, província, distrito ou parte de um país.
- **Calunga:** Do termo multilinguístico Banto Kalunga que encerra a ideia de grandeza, imensidão, designando Deus, o mar e a morte.
- **Cambona:** Do Quimbundo Kamona, rapariga (moça). Ajudante do Pai de Santo.
- **Cambone:** Cambono. Considera-se o bamba *kambone, testemunha.
- **Camutue:** Cabeça. Do quimbundo kamatue, cabecinha.
- **Candomblé:** Religião Brasileira de culto aos orixás iroubanos, voduns daomeanos ou inquices bantos. A raiz do termo está certamente no elemento banto ndombe, negro (quimbundo: kiandombe, quincongo e umbundo: ndombe).
- **Canjerê:** Reunião de pessoas para práticas fetichistas. Feitiço, Mandinga. Proveniente de njele que é uma cabaça cheia de pequenos objetos, usada para exorcismos pelo povo ndau, de Moçambique. Pode ser também no quincongo nkengele, que significa rodopiar, girar. e no ronga khongela, adorar, rezar.
- **Canjica:** Seu étimo é do quimbundo kandjika, que significa papa.
- **Canzua:** Local ou terreiro ou salão onde se realizam as cerimônias, nos rituais de origem Banta. Casa, na linguagem dos terreiros. Do quimbundo nzua, cabana.
- **Capangueiro:** "Oxalá mandou, já mandou buscar, os capangueiros da Jurema, lá no Juremá". Do quimbundo kapiange, irmãosinhos.
- **Catular:** Raspar a cabeça, fazer o santo, iniciar-se. De katula, privar, tirar, remover, do quimbundo e do quincongo.
- **Congá:** Corruptela de Gongá. Altar de Umbanda. Recinto onde fica este altar. Do quimbundo ngonga, cesto ou cofre. No antigo reino do Ndongo, a palavra ngonga designava uma espécie de sacrário onde se guardavam as relíquias da pátria.
- **Curiá:** Sorver bebida alcoólica, beber. Do Quimbundo kudia, beber ou beber (Umbundo).
- **Curiador:** Bebidas preferidas de certas entidades.
- **Dendê:** O fruto do dendezeiro, óleo extraído desse fruto. Do quimbundo ndende, tâmara, fruto da palmeira Elaeis guineensis.

- **Engira:** Reunião de adeptos da cabula. De origem banta: ou do quimbundo njila, giro; ou do umbundo ochila, lugar da dança. Daqui deriva a palavra Gira para definir as sessões de Umbanda.
- **Farofa:** Mistura de farinha com gorduras e às vezes outros alimentos. Entre os africanos de origem banto há a palavra falofa ou farofia, segundo Capello e Ivens.
- **Funganga ou Fundanga:** Pólvora, do quimbundo fundanga.
- **Ganga:** Provém do termo nganga que significa feiticeiro.
- **Macaia:** Proveniente de makaya (quincongo). Mata, bosque, floresta, local de oferendas rituais. Makaya é plural da palavra kaya, que significa folhas.
- **Macumba:** Makumba é o plural de dikumba, cadeado, fechadura. No quincongo Makumba é plural de Kumba, prodígios ou feitos miraculosos ligados ao Cumba, feiticeiro.
- **Maleme:** Perdão. Do quincongo ma-lembe, saudação desejando paz, saúde, etc.
- **Mandinga:** feitiço, bruxaria, talismã.
- **Marafó:** Cachaça. Do quincongo malavu, vinho.
- **Miçanga:** Conta de vidro miúda. Do quimbundo misanga, fio de conta de vidro, rosário ou colar.
- **Milonga:** Feitiço, sortilégio, Bruxedo. De Milongo, do quimbundo, milongo, remédio.
- **Mironga:** Mistério, segredo. Do quimbundo milonga, plural de mulonga, mistério.
- **Molambo:** Trapo, pano velho, rasgado ou sujo. Roupa esfarrapada. Do quimbundo mulambu, pano atado entre as pernas.
- **Mucuiú:** O mesmo de mocoíú.. Pedido de benção nos terreiros de origem banta. Do quincongo mukuyu, espírito.
- **Pemba:** Peça de giz. Pó extraído da raspa do giz. Do quincongo mpemba, giz, correspondente ao quimbundo pemba, cal.
- **Quimbanda:** Sacerdote de culto de origem banta. Do quimbundo kimbanda, sacerdote e médico ritual correspondente ao quincongo nganga.
- **Quiumba:** Espírito obsessivo. Importuno, paulificante. Do quincongo kiniumba, Espírito.
- **Quizila:** Ojeriza, aversão. Proibição ritual, tabu alimentar ou de outra natureza. Do termo multilinguístico kijila (quimbundo) ou kizila (quinguana). Proibição, castidade, jejum, tabu alimentar.
- **Quizumba:** Confusão, briga. Alteração de quizomba, provém do quimbundo kuzuma, do iaca kizumba.

- **Sacaaanga:** Termo para designar espíritos bentos. Provém do quincongo saka, sacudir, agitar + o quimbundo uanga, feiticeiro. Aquele que espanta o mal. Feiticeiro que faz exorcismos.
- **Saravá:** Significa Salve. Bantunização do português salvar, saudar.
- **Tatá:** Relacionado ao quimbundo tata, pai.
- **Vumbi:** do quincongo evumbi, morto.
- **Zimba:** Originalmente o ponto riscado é chamado de Zimba. O mesmo que carimbo (selo). Origem do quincongo zima, bater, bater com.

Acho que deu para compreender como a exposição é longa e o pensamento que devemos ter não pode ser raso como o da postagem proposta.

O entendimento da Umbanda se dá em pilares aqui explorados da cultura Banto, com posterior integração de alguns elementos de culto Yorubá, porém ainda há a presença massiva (e não explorada neste texto) da filosofia espírita, do catolicismo popular e das muitas culturas indígenas presentes no trabalho.

A cultura do uso do Tabaco, por exemplo, não é de origem africana, mas de origem nativista brasileira, sendo o Tabaco provavelmente uma palavra de origem Taino (povos que habitavam as ilhas de Cuba, República Dominicana e Haiti, entre outros). Ela se espalhou por toda a América, apesar de ser originária dos Andes.

O tabaco é usado ainda de forma fumada por meio de cachimbos, cigarrilhas e charutos, assim como em forma de rapé.

Isso porque não vou entrar nas questões linguísticas, ritualísticas, nas plantas e ervas, nas divindades e tudo mais que também existe dentro do trabalho indígena.

Outra curiosidade sobre a influência banto é o uso de atabaques sendo tocados diretamente pelas mãos, o que na cultura yorubá não ocorre, sendo que eram usadas varinhas para essa prática.

CONCLUSÃO

Novamente peço a todos leitores, que são diferenciados pela busca de informação sensata e de confiança, para que não se permitam engendrar em agendas

de certa forma deturpadas, que podem prejudicar ainda mais a luta que é feita pela valorização da cultura africana, nativista e também brasileira.

A Umbanda é nitidamente uma religião cabocla, no contexto de ser uma religião miscigenada composta por diversas etnias que não são as que estão no poder e não são eugênicas.

Então para trazer real informação e cultura para nossos leitores, nós indicamos diversos livros que foram usados como fontes para esse trabalho, além da enciclopédia britânica e de outros textos de mestrado e doutorado disponíveis na internet pelos portais acadêmicos.

Não desvalorize sua religião e sua cultura em busca de uma pureza que está deturpada reproduzindo um conteúdo pouco explorado e muitas vezes usado de forma sensacionalista por algumas pessoas para angariar movimentação para suas páginas e perfis.

Use seu discernimento, mergulhe a fundo nas questões e veja que aqui exploramos um pouco só dessa questão e que isso deve ser muito mais debatido e estudado.

Saravá!

A UMBANDA NÃO COMEÇA COM ZÉLIO!

No dia 15 de Novembro de 2020 além das eleições municipais e também da comemoração da Proclamação da República, muitos comentavam nas redes sociais sobre o Dia Nacional da Umbanda, exaltando Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas como seus fundadores.

Isso é de uma estranheza ímpar, apesar de ser esperado em um país onde poucos realmente procuram se aprofundar nos temas que transitam em suas vidas. Onde você escrever corretamente é sinônimo de elitização e onde você tentar dar educação a quem deseja (e todos precisam) é visto com maus olhos pelos poderes vigentes.

Zélio, como já falamos diversas vezes tanto no blog, quanto em nosso [canal no YouTube](#), não foi o FUNDADOR da Umbanda como muitos pensam.

Primeiramente a gente deve parar de pensar rasamente e ir procurar outras coisas além de NOMES. Nomes são dados por nós para designar algo para o nosso entendimento, então é bem possível que antes mesmo da assunção de um nome tivéssemos a prática a que aquele nome se refere, afinal criar um nome sem um objetivo não faz muito sentido.

O que caracteriza a Umbanda não é seu nome, mas seu corpo de práticas e rituais. Uma religião aberta a todos, onde a mediunidade tem papel fundamental e onde aprendemos não só as práticas religiosas mas as questões de magia popular e magia folclórica também.

Uma religião que preza pela Caridade, Simplicidade e Humildade e que dá voz a todos os espíritos de ancestrais que aqui passaram derramando o sangue nesta terra, sejam eles indígenas, africanos ou europeus. Se esteve no Brasil e aqui morreu, tem lugar dentro da Umbanda.

Um culto onde práticas com velas, com ervas, com fumo e perfumes é muito comum. Onde a música tem uma grande importância e a celebração de um povo também, principalmente no compartilhamento da comunidade dos pratos típicos e rituais dos Orixás, Voduns ou Inquices.

Se há a manifestação de espíritos de ancestrais (Caboclos, Pretos-Velhos, etc) e essas pontuações acima, então é Umbanda. Mas eles não chamavam disso antes e pouco importava o nome.

Ao estudar sobre cultura indígena, principalmente a Tupi, percebi que pouco importava o nome que eles davam a religião deles, que isso só tomou forma mesmo com a invasão da terra que hoje é o Brasil pelo povo Europeu. Então, eles praticam algo que chamamos hoje de pajelança, mas é bem possível que nunca deram esse nome para sua prática. Por que a Umbanda seria diferente?

Lembrando que Zélio, na manifestação do Caboclo das 7 Encruzilhadas, disse que iria fundar uma nova religião e só posteriormente denominou-a de Alabanda, que segundo o que nos chegou significaria "Ao lado de Deus", onde Alá é o nome de Deus em Árabe e Banda seria algo como "Ao Lado".

O nome Umbanda só foi assumido em 1909, como dizem, por soar bem.

Ora! Então o nascimento da Umbanda não é 1909? Não, não é e nunca foi!

A Umbanda é ancestral e já temos essa definição vinda da África onde o termo Mbanda era muitas vezes traduzido como Umbanda no encontro da língua portuguesa com o Kimbundo. Mbanda seria a "arte da cura".

Desta forma, podemos ver que os traços ancestrais da religião realmente vem da África, mas não a definem, pois aqui ela tomou uma forma própria, de fato uma UMBANDA, aceitando o aportuguesamento da palavra Banto o que já demonstra a miscigenação não só nas pessoas, mas na cultura e na religião.

A Umbanda do Brasil é distinta da de África, mas bebe muito de sua origem, acrescido de elementos ritualísticos indígenas (temos muito mais do que vocês pensam, a começar pelo fumo) e também de práticas populares do catolicismo e do espiritismo francês.

Claramente, como as práticas que hoje chamamos de Umbanda já existiam, a inclusão do Espiritismo foi posterior. O termo espiritismo foi popularizado com o lançamento do Livro dos Espíritos em 1857. Mas com certeza as práticas rituais já aconteciam pelo menos desde 1700.

A inclusão do espiritismo foi tardia e está errada? Não de forma alguma, até porque o espiritismo se propõe a explicar algo que acontecia e sempre aconteceu desde a época pré-histórica que é a comunicação de encarnados com o plano espiritual, porém isso não tinha um nome, Kardec apenas consolidou, compilou e formatou uma identidade ou doutrina para o entendimento do europeu do século XIX.

O mesmo ocorreu com Zélio, que pegou esse entendimento do que seria a Umbanda e consolidou num corpo doutrinário, sendo assim ele não pode ser o CRIADOR ou FUNDADOR da Umbanda, pois suas práticas já eram populares por meio de outros nomes, da mesma forma que ele mesmo e nem seus guias deram o nome de Umbanda e só alteraram posteriormente para esse título.

Além disso, o nome já existia e já era consolidado desde épocas remotas advindo da África, mesmo que em outro contexto.

Então a religião de Umbanda brasileira é muito mais antiga do que tentam fazer parecer. A data é importante? Sim, é importante pois é um marco histórico e oficial, mas é um marco da aceitação da sociedade branca para práticas das pessoas pretas e indígenas ou do povo miscigenado.

Entende como a questão é muito mais profunda e que simplesmente dizer: "Parabéns Umbanda, 112 anos" é extremamente preconceituoso, racista e até imoral?!

Quando uma religião é dada como acertada ou oficial? A partir do entendimento do branco ou da dominância de uma sociedade?

O Cristianismo não é visto como uma prática desde a época de Cristo, sendo que o mesmo nunca deu esse nome para sua prática religiosa? O cristianismo só não ganhou esse corpo de fato após a aceitação do Império Romano? Mas já existia o cristianismo e as práticas cristãs anteriormente, certo? Sim...

Com a Umbanda é o mesmo! Então não se importe com o nome, mas com a forma, com a ritualística.

Em Codó muitos dizem praticar Umbanda, na Paraíba e em Pernambuco muitos Juremeiros dizem praticar Umbanda. Apesar de serem diferentes da Umbanda sudestina, ela ainda é Umbanda dentro do entendimento dos pilares básicos.

Umbanda é mais que um nome... Umbanda é a definição de uma essência mestiça, cabocla, de origem popular e essencialmente integrativa.

Vamos raciocinar e só depois vamos me odiar? (talvez isso nem ocorra)

RAIZ E TRADIÇÃO NA UMBANDA

Quando se fala de Umbanda Tradicional a gente remete direto a visão da Umbanda fundamentada pelo Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Contudo, essa não foi a primeira manifestação de Umbanda e também não é a única manifestação de Umbanda.

A própria Umbanda de Zélio, que é identificada como Umbanda Branca e de Demanda, acaba por tomar a fama no mito fundador por ser a que mais foi explorada midiaticamente e ainda o é até hoje. A questão é que do advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, ele deu o nome a religião de Allabhandá, algo completamente diferente do que ouvimos falar sobre Umbanda.

Creemos que a Umbanda Brasileira é uma versão derivativa dos candomblés de Caboclo, que por sua vez já derivam do Candomblé Angola. Existia algo próximo ou similar a um trabalho de Umbanda já em terras Angolanas e do Congo, conhecido como Mbanda, que na pronúncia se torna Umbanda (aportuguesando a palavra).

Porém ao chegar ao Brasil as crenças deram origem a prática do culto de Mikisi (plural de Nkisi) e também do culto a ancestralidade por meio dos espíritos guias desencarnados.

O mesmo também era observado em parte da sociedade nativa brasileira e o enfrentamento e posterior amálgama dessas culturas a gente pode dizer que é a Umbanda, ainda temperada com práticas elementais, mágicas, populares e católicas da Europa.

Então quando falamos de tradição ou raiz, muitas vezes queremos apenas definir a origem da linhagem que estamos seguindo. Uma pessoa que segue o Zélio, como é o caso das Sete Tendas Originais¹ seguem a mesma raiz da casa do Zélio, porém divergem em algumas questões, isso se dá por um motivo claro:

As raízes podem ser as mesmas, mas o caule, ou tronco, os galhos e as folhas acabam gerando outros frutos.

E isso pode ser visto com o mito fundador da Tenda de Umbanda Mirim, que é dado como fundado por meio da mediunidade de Benjamin Figueiredo e a manifestação do Caboclo Mirim.

Esta manifestação só ocorreu após a intervenção de Zélio e do Caboclo das Sete Encruzilhadas, ou seja, teoricamente era para ele seguir a mesma doutrina, mas ele diverge completamente da proposta de Zélio e do próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas, não desfazendo ou tendo qualquer demérito em sua obra, muito pelo contrário.

O mesmo ocorre com várias e várias tendas, terreiros, barracões e nações: Bebem de um lago, mas habitam outros locais de caça e aprendizado.

Assim também o é na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge, que bebe da raiz de Pai Dito, uma Umbanda Tradicional fundamentada com cultura Banto e muita influência do povo do Congo, onde geralmente se apresenta como uma Umbanda de Nação Congo, porém não segue estritamente o que a casa fundadora Casa de Caridade Nossa Senhora Aparecida apregoa como diretrizes bases.

Muita dessas mudanças se dá pela chefia espiritual da casa, não exatamente do dirigente ou da dirigente, mas muito mais dos Espíritos Guias Chefes da casa que trazem a suas práticas e suas condutas para dentro do terreiro e as colocam como normas, regras e objetivos a serem observados por todos que lá estão.

Isso só faz a Umbanda ser mais rica em suas formas e seus cultos, impedindo que elas se cristalizem com o passar do tempo, mas que também não percam a suas origens.

Não existe uma Umbanda verdadeira, tampouco existe uma só Umbanda Tradicional. O que existe é a Umbanda em sua "multiculturalidade" e isso só é enriquecedor.

Saravá a Umbanda!

1 Tenda Espíritas derivadas da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (original e matriz da Umbanda Branca): Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, Tenda Espírita

Nossa Senhora da Guia, Tenda Espírita São Pedro, Tenda Espírita São Jorge, Tenda Espírita São Jerônimo, Tenda Espírita Oxalá e Tenda Espírita Santa Bárbara.

A UMBANDA BRASILEIRA: UMA ORIGEM

Em minhas férias fui até Pernambuco para desfrutar um pouco das paradisíacas paisagens de nosso grande país. Pensando em descansar e conhecer um local que até então só ouvira falar, não estava muito preocupado com a espiritualidade, religião e suas repercussões.

Contudo, não dá para fugir do assunto quando o mesmo lhe é colocado como uma tarefa. Tá no sangue, tá na alma e parece que cada canto que eu vou, algo me chama a atenção para fazer uma comparação com os temas religiões, principalmente com a Umbanda, que é minha religião professada.

Em meio a esse e outros pensamentos, ainda influenciado pelas mídias digitais, tive contato com diversos "influenciadores da macumba" sempre a exaltar a origem da Umbanda como algo criado pelo médium fluminense Zélio Fernandino de Moraes. Por outro lado, também me chegaram várias postagens exaltando a cultura do candomblé de origem Nagô dentro das práticas Umbandistas, trazendo uma Africanidade e um legado à mesma.

Outrossim, como sabem eu não compartilho dessas opiniões, tendo uma imagem da formação da Umbanda como algo muito mais complexo do que a simplicidade de uma revelação a uma só pessoa ou a retomada de práticas – de outro formato dado – para as práticas já tidas na África, agora em solo brasileiro.

Isso não sai da minha cabeça e tenho que assumir que até mesmo fico um pouco perplexo com a facilidade que as pessoas tem de aceitar "verdades absolutas" e se dizem espiritualistas ao mesmo tempo. O que posso deixar aqui legado é que eu tive um insight incrível analisando a cultura do povo pernambucano, seus jeitos e trejeitos, sua forma de falar, seu sotaque, suas gírias, seus coloquialismos e tudo mais.

Se dentro de um só País – de proporções continentais, mas ainda assim um só país – temos uma cultura tão diversa dessas, o que dizer de um continente inteiro diferente entre si e abarrotado de culturas, tribos, línguas, povos distintos e com grande passado ancestral?

Por isso mesmo, analisando sem paixão a Umbanda, podemos perceber que alguns temas – tão fixados e propagados, como uma lavagem cerebral – caem por terra. Para isso basta ter um pouco de senso crítico!

Podemos partir de uma premissa que as religiões espiritualistas – e a Umbanda incluída nesta – não tem verdades absolutas e não se prendem a ela, pois compreendem que a realidade é vista em muitas dimensões, relativas à própria realidade pessoal de cada indivíduo.

Desta forma, se um indivíduo pode mudar suas opiniões constantemente e sempre estar angariando mais cultura, informação e sabedoria, como podemos dizer que no astral não é o mesmo? Além disto, há a defesa histórica, que alguns propagam, pois existem “FATOS” sobre essa fundação, sendo que a história está a todo momento se retratando e se alterando, com novas evidências a serem analisadas.

Allan Kardec, codificador do Espiritismo, dizia que o processo de investigação deve ser constante. Não é porque as perguntas contidas na codificação haviam sido respondidas que deveria-se parar com a investigação. Ainda dizia mais, que se a ciência – com sentido de conhecimento – conseguisse mudar o que ali estava, que ficássemos com a ciência, deixando bem claro que a mudança faz parte dos paradigmas espiritualistas.

Uma das afirmações defendidas pelos conhecedores e influencers de Umbanda é a da sua ancestralidade em terras africanas. Dito é que a Umbanda é uma religião afro-brasileira derivada do Candomblé, sem a menor preocupação em explicar que o Candomblé não é uma religião centralizada e que possuem diversas nações e raízes, divergentes entre si e que se alicerçam nas culturas formadoras da mesma: Ketu, Nagô, Jejê, Fon, Bantu, Angola, Congo, etc.

Afirmar que a Umbanda é afro-brasileira é limitar a importância da incorporação de outras culturas dentro da formação da religiosidade e, também, do próprio povo brasileiro. Como amálgamas bem coesos de práticas diversas, que encontravam sinergia, podemos navegar da África para a América pré-colonização.

Ainda assim, a influência da colônia é sentida não só na cultura portuguesa católica, mas principalmente nas crenças populares. A religião na visão popular, toma outra forma, outra conotação que não a canônica de Roma. Além disto, podemos

explorar a África com abrangência pela multicultural lá presente, reparando que a maior parte da influência africana foi ressignificada em terras brasileiras, vindo a se tornar toda uma nova cultura, com ascendência africana, mas agora com características próprias.

Grande parte disto é graças a capacidade de incorporação e assimilação de culturas diversas que os povos de origem Banto, possuíam. Conseguiram, de maneira antropofágica, colocar as religiões exteriores dentro do seu contexto cultural.

Da mesma forma vemos isso na Umbanda, sendo influenciada em muito pela cultura dos povos de Angola e do Congo, tendo poucas influências – comparativamente – dos povos da Nigéria e do Benin, como é o costumeiro – e equivocado – de se assumir e afirmar, precocemente. Percebemos muitos disto, pelo meio de tocar atabaques por exemplo – que se for seguir a ideia original da formação da Umbanda por Zélio, não fazia parte do ritual original – em que os povos de tradição Nagô e Fon, acabam tocando os mesmos com “baquetas” e no caso da cultura Banto com as próprias mãos, similar ao que ocorre na Umbanda.

Ainda não iremos comparar com as questões fundamentadas por Zélio Fernandino de Moraes. Para isso, retornarei ao tema mais a frente neste texto.

Grande parte da ritualística de Umbanda também se alicerça com a comunhão com os espíritos dos ancestrais como movimentadores da vida além-túmulo, que trazem benesses e curas para os povos aqui ainda encarnados.

Para exemplificar a comunhão de ideias que a Umbanda possui, podemos usar da mais polêmica das entidades, o Exu.

O Exu, como orixá, é cultuado em religiões de tradição Yorubá, mas um estrangeiro para as religiões de cultura Banto. Os povos de Angola, Congo e imediações tinham outros conceitos sobre essas entidades que atuavam no mesmo espectro e nos mesmos domínios. É correto afirmar que existem ao menos quatro entidades distintas que fazem parte ou todo o papel de Exu para os Bantos.

Desta forma, podemos assumir que as figuras são opostas, diferentes e que não são o mesmo tipo de estereótipo ou arquétipo como nos forçam a aceitar. Contudo a coisa fica ainda mais bagunçada – para alguns fica evidente, quem tem olhos de ver – quando o nome exu é associado às entidades espirituais atuantes da Quimbanda da Umbanda.

Quando disto, podemos ver que a maioria das entidades que se manifestam sob o aspecto e arquétipo de exu, como guia-espiritual, tem claros trejeitos e roupagens europeias, apenas usando do nome do Orixá de cultura Nagô. Ainda assim, muitos falam de temáticas católicas, astrológicas, cabalistas, numerológicas e alquímicas. Grande parte de conhecimento que tem origem ou no Oriente Médio ou na Europa, ou que de certa forma, era trabalhado na Europa. Além de suas roupas, como cartolas, capas, espadas e outros.

Pombagira como sua contraparte feminina também se apresenta com elegantes vestidos de bailes de salões europeus, bebendo de espumantes – bebida européia – e se mostrando sempre como uma dama lindíssima, adornada de tesouros e jóias que podem levar o homem a perdição com sua fala. Oras, esse mito, essa lenda, essa figura é trabalhada totalmente dentro do aspecto europeu.

Isso não é embranquecimento da religião, mas uma tradução simbólica da comunhão das culturas e dos pensamentos dentro das correntes de Umbanda. Ontem, o colonizador se tornou hoje o colonizado simbolicamente, a partir do momento que dentro da Umbanda – casa de Caboclo e Preto-Velho – Exu é convidado. Em outras palavras, antes o Europeu, dominando os povos ancestrais da terra brasileira e os nativos da África, hoje devem pedir permissão de trabalho e estão subjugados a hierarquia e poder destes Caboclos e Pretos-Velhos.

Este tipo de pensamento é fruto de uma cultura de assimilação, transmutação e ressignificação dos mitos. Se pensarmos em um contexto puramente tradicional, qualquer mudança seria visto como "heresia". Lembrando sempre que a manifestação de Caboclos e Pretos-Velhos são emblemáticas.

Uma "miscigenação" entre índios e europeus resultou nos Caboclos. O Preto-Velho, por outro lado, é fruto do colonialismo e da vida de trabalhos forçados, extraído de sua terra, para aqui no Brasil assumir um nome brasileiro ou na maioria das vezes, nascer no Brasil, sendo fruto de uma ancestralidade que era original da África. Hoje o Preto-Velho, assume a sua roupagem, como símbolo da sabedoria, professando por muitas vezes uma crença católica popular, entremeada com suas práticas adquiridas da ancestralidade africana e mantém unidas essas duas vertentes que querem sempre separar.

Essa mistura a princípio caótica é a essência do povo brasileiro em união com suas muitas influências culturais. Vejam que o Caboclo poderia ser negado em tribos indígenas por não ser exatamente nativo e não ser também europeu – o que resultaria em perseguição e preconceito do colonizador. O Preto-Velho, negando simbolicamente a sua pertença ancestral, também se tornaria pária. Ambos não teriam uma origem ou um povo para serem identificados, sempre estando à margem. Da mesma forma que a maioria do povo brasileiro, ou seja, somos um povo sem passado, mas que através da mescla cultural pode criar todo um novo futuro de tolerância, compreensão e entendimento.

Podemos refutar também a ancestralidade – puramente africana – da Umbanda vendo que em seu mito fundador, o grande anunciador da religião fora um Caboclo, de origens anteriores (e ainda presentes em suas manifestações espirituais e roupagens) de vestes clericais jesuítas e em um primeiro trabalho já a presença dos pretos-velhos para trazer uma fundamentação a religião.

Mas defender o purismo encontrado em tempos antigos na TENSP (Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade) é aproveitar-se de uma validação "frágil" visto que muitos que o fazem, nunca nem sequer tiveram contato com o que era praticado dentro da Umbanda de Zélio.

De qualquer forma, ainda posso afirmar que a Umbanda de Zélio é apenas uma das muitas que surgiram e de certa forma é uma comprovação que o método do CUEE ([Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos](#)) funcionou. Pois, dentro da minha concepção, análise e vivência, a Umbanda surgiu em diversos pontos do país, com diferenças na forma dos cultos, mas com uma base sólida que confirma o [CUEE](#).

Eu digo isto por ter sido feito em uma Casa em que o trabalho tem mais de 70 anos e que já é a terceira casa fundada na tradição. Se formos analisar isso friamente, a casa fundadora, que deu origem a casa que viria a dar origem a casa em que trabalho, é anterior a 1908. Além de que as pessoas lá não tinham internet ou meios rápidos de terem informações sobre a Umbanda de Zélio, lembrando que as práticas dele só se popularizaram mesmo – como dizem por aí – após o encontro com uma sumidade da Umbanda, que evitarei falar o nome, mas por volta da década de 1970.

O que quero dizer com tudo isto é para terem cuidado com o radicalismo e analisarem as coisas de uma perspectiva mais abrangente. A Umbanda é uma religião

BRASILEIRA é uma religião de integração. Procurar ou postular um purismo, seja ele nativo, europeu ou africano (como se a África fosse um só povo) é ingênuo no mínimo e leviano no ponto máximo.

A Umbanda não é derivação de uma religião, mas o resultado de uma realidade diferente, novas e que é ímpar no mundo todo, formada pela multipluridade cultural brasileira para atender os anseios deste povo carente de uma origem. Podemos afirmar então que a origem da Umbanda é a INTEGRAÇÃO.

QUEM É DOUGLAS RAINHO?



Douglas Rainho é dirigente da Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge, localizada no bairro do Tatuapé, na cidade de São Paulo - SP. Bacharel em Ciência da Computação, pós-graduado em Naturopatia e estudante de teologia, procura sempre estudar temas pertinentes a magia e a espiritualidade.

Autor do blog **Perdido em Pensamentos** (www.perdido.co) onde propõe a tratar dos assuntos que lhe são pertinentes como Espiritualidade, Umbanda, Magia e Terapias Naturais.

Também é apresentador do **Papo na Encruza**, podcast sobre Macumbaria no geral, disponível em www.paponaencruza.com.

Já ministrou diversas palestras, workshops e cursos na área de Espiritualidade e Religião e tem como grande paixão a divulgação do conhecimento com seu contumaz sarcasmo e sua ironia peculiar. Atualmente é ministrante no **Núcleo de Estudos Sapienza** (www.nucleosapienza.com) para Terapias Naturais e no **PerdidoEAD** para temas ligados a Religiosidade, Magia e Espiritualismo.

Para saber mais sobre o autor, siga seu perfil no Instagram: **@douglasrainho7** ou procure o mesmo em www.perdidoead.com.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA:

UMBANDA DE CABOCLO; Decelso; Ed. Eco.

ENCANTARIA BRASILEIRA: O LIVRO DOS MESTRES, CABOCLOS E ENCANTADOS;
PRANDI; Reginaldo; Ed. Pallas.

CONHECENDO A UMBANDA DENTRO DO TERREIRO; RAINHO, Douglas; Ed. Nova Senda.

A MAGIA, O ESPIRITISMO E AS SETE LINHAS DE UMBANDA; SOUZA, Leal;

OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO:

Textos e Artigos do blog Perdido em Pensamentos (www.perdico.co).

Vídeos do YouTube do Canal Perdido em Pensamentos.
(www.youtube.com/perdidoco10)

Episódios de Podcast do Papo na Encruza. (www.paponaencruza.com)

Artigos e Apostilas das aulas de Umbanda de Douglas Rainho, na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge.